

SILÊNCIO E SENTIDO EM GILLES DELEUZE

Marcos Paulo Santa Rosa Matos¹

Resumo: O trabalho analisa as formas e os efeitos do “silêncio” na produção de sentido que se dá no processo discursivo, compreendida como uma relação dinâmica entre a estrutura e o acontecimento, conforme a elaboração teórica apresentada por Deleuze na obra *Lógica do Sentido* (1974). Trata-se de uma investigação filiada à Análise de Discurso de tradição francesa (AD), que objetiva mostrar o modo de funcionamento desse conceito no discurso teórico de Gilles Deleuze, isto é, tendo como problema de fundo o “como” ele significa, em vez de “o que” ele significa. O ponto de partida são as dualidades silêncio-ruído e silêncio-linguagem, que são remetidas, respectivamente, aos conceitos de *taceo* e *sileo*, apresentados por Barthes em *O neutro* (2003). Em seguida, abordam-se os estudos de Pêcheux em *Semântica e Discurso* (1997), sobre o binômio estrutura-acontecimento na produção de sentido; de Orlandi em *As formas do silêncio* (2007), sobre os tipos de silêncio que atravessam o discurso; e de Lacan em *A lógica do fantasma* (2008), sobre a relação constitutiva entre silêncio e linguagem. Por fim, discute-se a relação entre a silentude ontológica e o silenciamento ideológico na obra deleuziana, enfatizando-se a ideia de “fissura silenciosa” como uma noção fundamental para articular *sileo* e significação.

Palavras-chave: Silêncio. Linguagem. Sentido. Gilles Deleuze. Análise de Discurso.

Resumen: El trabajo analiza las formas y los efectos del “silencio” en la producción de sentido que se da en el proceso discursivo, comprendido como una relación dinámica entre la estructura y el acontecimiento, conforme a la elaboración teórica presentada por Deleuze (1974) en la obra *Lógica do Sentido* (Lógica del Sentido). Se trata de una investigación afiliada al Análisis de Discurso de tradición francesa (AD), que pretende mostrar el modo de funcionamiento de este concepto en el discurso teórico de Gilles Deleuze, es decir, teniendo como problema de fondo el "cómo" significa, en vez de "qué" significa. El punto de partida son las dualidades silencio-ruído y silencio-lenguaje, que son remitidas respectivamente a los conceptos de *taceo* y *sileo*, presentados por Barthes (2003) en *O neutro* (Lo neutro). A continuación, se abordan los estudios de Pêcheux en *Semântica y Discurso* (1997), sobre el binomio estructura-acontecimiento en la producción de sentido; de Orlandi (2007) en *As formas do silêncio*, sobre los tipos de silencio que atraviesan el discurso; y de Lacan (2008) en *A lógica do fantasma* (La lógica del fantasma), sobre la relación constitutiva entre silencio y lenguaje. Por último, se discute la relación entre la silentud ontológica y el silenciamento ideológico en la obra de éluziana, enfatizando la idea de “fisura silenciosa” como una noción fundamental para articular *sileo* y significación.

¹ Universidade Federal de Sergipe (UFS), Doutorando em Letras, e-mail: mp.srmatos@hotmail.com

Palabras-clave: Silencio. Lenguaje. Sentido. Gilles Deleuze. Análisis de Discurso.

1 Introdução

Deleuze, ao investigar o problema da significação da linguagem, na obra *Lógica do Sentido* (1974), recorre muitas vezes ao silêncio para situar a produção de sentido. Isso ocorre nas séries três (Da Proposição), vinte e dois (Porcelana e Vulcão), vinte e quatro (Da Comunicação dos Acontecimentos), vinte e sete (Da Oralidade) e trinta e quatro (Da Ordem Primária e da Organização Secundária), bem como nos apêndices três (Klossowski ou as corpos-linguagem) e cinco (Zola e a fissura). O modo como o autor compreende a dinâmica do silêncio e do sentido é sensivelmente próximo ao da Análise de Discurso de tradição francesa (AD) e da Psicanálise lacaniana, que a atravessa. Eles compartilham de uma visão estruturalista acerca de elementos teóricos como estrutura, acontecimento, superfície, falha constitutiva etc., embora as definições adotadas em cada campo específico de estudo sejam diversas.

Neste breve estudo, procura-se descrever e analisar esse *modus comprehendendi* a partir de dois conceitos latinos, recuperados por Barthes (2003): *taceo* e *sileo*, que designam o silêncio, mas em diferentes nuances. *Taceo* deriva do verbo *tacere*, cujo significado é calar-se, cessar a fala ou o ruído articulado significativamente; é um silêncio intervalar, entreverbal e humano, aqui chamado de “silenciamento”. *Sileo*, por sua vez, remonta ao verbo *silere*, que denota um estado de ausência de fala e de ruído, uma tranquilidade alheia à própria linguagem; é um silêncio permanente, natural e divino, aqui chamado de “silentude”². Assim, o silenciamento instaura uma oposição entre o silêncio e os sons da linguagem, e a silentude contrapõe o silêncio à própria linguagem.

O trabalho está dividido em duas partes. Na primeira, abordar-se-ão os estudos da AD e da Psicanálise relativa à questão das relações entre silêncio e linguagem, silentude e silenciamento: Pêcheux em *Semântica e Discurso* (1997), que discute a articulação do binômio estrutura-acontecimento na produção de sentido; Orlandi em *As formas do silêncio* (2007), que distingue os tipos de silêncio e seus efeitos de sentido; e de Lacan em *A lógica do fantasma* (2008), que discute a relação constitutiva entre *sileo*, *taceo* e significação. Na segunda parte, analisam-se os sentidos do silêncio mobilizados por Deleuze (1974), especialmente o conceito de “fissura silenciosa”, que se

2 *Silentude* (ou *silentitude*) é um neologismo empregado nas línguas inglesa, francesa e portuguesa (em língua espanhola: *silentud* ou *silentitud*) para denominar a experiência do silêncio (o som do silêncio, a prática do silêncio, a experiência do silêncio, o silêncio interior etc.), como exemplo, pode-se citar Gotte (2015, p. 4).

articula como um processo contrassignificativo que desenha as bordas da linguagem e atravessa a linguagem fazendo-a funcionar.

Silêncio para a AD e a Psicanálise

As ciências humanas, no período de pós-guerra francês, foram marcadas pelo movimento da terceira recepção de Saussure na França, do qual participou toda uma geração de filósofos, linguistas, sociólogos, etc., entre os quais pode-se citar Pêcheux, Foucault, Lévi-Straus, Eliade et al. Esse movimento intelectual promoveu uma “virada linguística”, que deslocou o foco das preocupações lógicas e hermenêuticas para o problema da não-transparência, da opacidade da linguagem, desviando-se a um só tempo do primado dos conceitos (o conceitualismo) e do primado das coisas (o realismo), sem cair no simplismo do primado das palavras (o nominalismo), porque a linguagem é vista como um território de confluência e conflito, dividido em uma zona profunda de ruptura e tensão e uma zona superficial de continuidade e evidência.

A AD é fruto desse movimento, sua releitura do estruturalismo é feita a partir da Psicanálise e do Marxismo. Ela compreende o discurso marcado pela relação entre língua, história e ideologia, enquanto realidades que se atravessam de modo indissociável. Para ela, o sentido é fruto de uma produção simbólica que se dá pela enunciação, entendida como a mobilização de um código linguístico em condições histórico-sociais dadas por indivíduos interpelados ideologicamente a assumir determinadas posições de sujeito. Esse processo é caracterizado pela existência de duas dimensões: a dimensão da constituição ou “interdiscurso”, enquanto memória do dizer, rede de filiações históricas do enunciado em relação a todos os enunciados anteriores, lembrados e esquecidos, manifestados e reprimidos; a dimensão da formulação ou “intradiscurso”, enquanto atualidade do dizer, regra de delimitação do enunciado frente aos outros enunciados possíveis e que circulam socialmente, mantendo relações de proximidade, complementaridade, contrariedade, contradição etc.

Nesse processo, é fundamental o papel da ideologia e do inconsciente, que impedem o fechamento da linguagem e do sujeito em si mesmos: a coerência do Um torna-se impossível em razão do atravessamento do Outro, a fronteira entre o interior e o exterior é derrubada, de modo que o sentido é sempre falho, equívoco, incompleto, fragmentado. Para poder enunciar o sujeito precisa ser afetado por dois esquecimentos: i) deve esquecer que ele não é a fonte de seu discurso, que todas as suas palavras já foram ditas antes, que suas seleções e combinações de signos são feitas a partir de recortes de outros discursos; ii) deve esquecer que ele não é capaz de determinar o sentido de suas palavras, que a convencionalidade e a literalidade não determinam o entendimento e a

interpretação do seu discurso, porque os signos nunca são apropriáveis e estão em permanente movimento de deslocamento e deriva (PÊCHEUX, 1975). Por fim, a produção discursiva é deve ser entendida tanto como estrutura quanto como acontecimento: a estrutura determina as condições e as codificações do sentido, que são estabelecidas pelo sistema da língua, pela rede da história e pelas regras da ideologia; o acontecimento, por sua vez, promove as aparições e inscrições do sentido, que é sempre atravessado pelo Outro, mas não deixa de ser Um, estabelece a sua singularidade independentemente da originalidade e da unidade, que são impossíveis, e da literalidade e da clareza, que são ilusórias (PÊCHEUX, 2012).

Na AD, a distinção entre *taceo* e *sileo* aparece reproduzida na tipologia proposta por Orlandi (2007) para as formas do silêncio, marcada pela divisão entre “silêncio fundador”, correspondente à silente, e “política do silêncio” ou “silenciamento”. O silêncio fundador é o não-dito que dá espaço de recuo significante, produzindo as condições do significar, ele corresponde à “matéria significante por excelência”, a um “*continuum* significante”, ao “real da significação” (ORLANDI, 2007, p. 29, grifo da autora), à permanente significação do mundo pelo homem, que prescinde da expressão linguística; assim, os sentidos “são” no silêncio fundador, onde estão dispersos e a partir de onde são transformados em palavras, isto é, categorizados, domesticados e sedentarizados; o vazio desse silêncio não é o da falta de sentido, mas do horizonte, do limiar do sentido.

A política do silêncio, por seu turno, corresponde ao apagamento produzido pela própria enunciação, na qual se recorta ideologicamente aquilo que deve ser enunciado e os outros dizeres possíveis, que devem ser esquecidos; esse processo de seleção pode dar-se tanto como uma exclusão necessária – o “silêncio constitutivo” –, quanto como uma interdição cercitiva – o “silêncio local”. O silêncio constitutivo é o silenciamento produzido pelo ato de dizer, aquilo que se cala para se poder falar, “[...] mecanismo que põe em funcionamento o conjunto do que é preciso não dizer para poder dizer” (ORLANDI, 2007, p. 74). O silêncio local refere-se à proibição de determinados dizeres, estabelecida nas relações de dominação e resistência cuja expressão mais típica é a censura, dispositivo que busca impedir a inscrição histórica do sujeito em determinadas formações discursiva, a assunção de determinadas posições sociais e simbólicas.

O silêncio, portanto, precede, atravessa e remanesce às palavras: “[...] o silêncio não fala, ele significa” (ORLANDI, 2007, p. 42), é uma falha, um vazio que constitui e estrutura a linguagem e, conseqüentemente, o sujeito. Nesse ir e vir do sentido entre a tagarelice e a quietude, movimento que constitui a própria ideia de discurso, *sileo* e *taceo* correspondem, respectivamente, ao silêncio exterior e ao silêncio interior à linguagem. Entre um e outro, as palavras trilham seu percurso

discursivo: dão voz aos significados errantes da silentude e são emudecidas pela disfonia universal do não-dizer. O silenciamento e a silentude mantêm, portanto, em uma relação de refração e reflexão do sentido: “[...] é preciso atravessar *taceo* para atingir, embora não dizer, *sileo*” (CARRERA, 2013, p. 1, grifo nosso). Nesse espaço dinâmico, o discurso se caracteriza por dois acidentes topológicos: a borda da linguagem, que constitui sua superfície e é materializada na rede de significantes; e a fissura do silêncio, estrutura profunda da qual emerge a rede de significados e a partir da qual se estruturam as relações de sentido.

Lacan (2008), por sua vez, retomou os conceitos de *sileo* e *taceo* para explicar a relação entre o sujeito e a linguagem, que é atravessada e determinada pelo silêncio:

A estrutura [...] é que o sujeito seja um fato. Seja um fato DA linguagem.

O sujeito assim designado é aquele a quem e geralmente atribuída a função da palavra, Ele se distingue por introduzir um modo de ser que é sua energia própria (entendida no sentido aristotélico do termo *energia*). Este modo é o *ato* em que ele se cala. *Tacere* não é *silere*, e, no entanto, se recobrem em uma fronteira obscura.

[...] O ato de calar-se não libera o sujeito da linguagem, Mesmo se a essência do sujeito, neste ato, alcança seu ápice - se ele agita a sombra de sua liberdade - este calar-se permanece prenhe de um enigma que tem feito pesada, há tanto tempo, a presença do mundo animal. Disso nós temos o rastro na fobia, mas lembremo-nos que, há muito tempo atrás, nós, aí pudemos alojar os deuses.

O “silêncio eterno” do que quer que seja (de tudo isso que vocês sabem...) não nos amedronta senão pela metade, em razão da aparência que a ciência dá à consciência comum, de se colocar como um saber que recusa depender da linguagem, [...] recusa, *ao mesmo tempo*, depender do sujeito. (LACAN, 2008, pp. 290-291, grifos do autor)

Para o autor, é *sileo* o verdadeiro silêncio, porque apenas nele a estrutura da linguagem, isto é, a articulação entre a série de significados e a série de significantes, é completamente prescindida. Enquanto o silenciamento representa uma subversão dos signos, pela suspensão dos significantes e pela sustentação dos significados através do ato de calar, que é, assim, uma espécie de signo impróprio e universal, capaz de assumir toda e qualquer relação semântica; a silentude é a forclusão dos signos, a indiferença radical em relação à linguagem, pela exclusão tanto da rede de significantes quanto da rede de significados. Esse silêncio radical, todavia, não é o *non sense*, o absurdo, mas o vazio de sentido que instala a possibilidade dar sentido, é a potência e a iminência da relação semântica, é o fundo em relação ao qual a linguagem figura, como enfatiza Lacan:

O calar-se não é o silêncio. *Sileo não é Taceo*. [...] A presença do silêncio não implica de forma alguma que não haja um que fale. É mesmo neste caso que o silêncio toma eminentemente sua qualidade, e o fato de que aconteça que eu obtenha aqui algo que se pareça ao silêncio, não exclui absolutamente que talvez,

diante deste próprio silêncio, tal ou qual, num canto, se entregue a ornar com reflexões cantadas mais ou menos em alto som. A referência do silêncio ao *calar-se* é uma referência complexa. O silêncio forma um laço, um nó fechado entre algo que é um entendimento e algo que, falando ou não, é o Outro, é este nó fechado que pode repercutir quando o atravessa, e talvez mesmo o cava, o grito. (LACAN, 2006, p. 218)

Ao propor a imagem do “grito”, o autor procura mostrar que a demanda, isto é, a necessidade e o desejo, prescindem da verbalidade, logo, o sentido preexiste e subsiste aos signos, isto é, às tentativas de representar, expressar e até mesmo aprisionar o sentido enquanto construção simbólica. Ele, assim, coloca em pauta, a relação entre a silentude e o silenciamento: na estrutura simbólica constitutiva do sujeito, o silêncio da linguagem taciturna, da palavra não-dita, da significação pelo ato de calar se sobrepõe ao silêncio do vazio de linguagem, da palavra impossível, da ausência de significação. No sujeito, portanto, o real é recoberto pela linguagem, o silêncio do real (*sileo*) é recoberto pela significação do simbólico (tanto no *verbum* quanto em *taceo*), mas esse recobrimento não é perfeito; há um furo do real, um buraco na estrutura simbólica, que não é um acidente do processo de significação, mas a sua própria força motriz: a falta de sentido move o indivíduo a significar, em uma luta permanente e vã para fechar a fenda da não-linguagem que atravessa e ameaça a consistência da sua linguagem.

2 Silêncio em Deleuze

Deleuze (1974) não elaborou uma teorização acerca do silêncio, mas o mobilizou ao desenvolver sua compreensão da linguagem e da produção de sentido, ou seja, do discurso. Ele, ao mesmo tempo em que toma por empréstimo um conjunto de ideias estruturalistas, subverte-as para compor uma visão bastante própria das questões linguístico-filosóficas; sua releitura do estruturalismo é feita a partir da Psicanálise e, principalmente, do Estoicismo. Ele também compreende a linguagem como estrutura e acontecimento, mas a estrutura não é vista como um sistema e sim como um jogo entre duas séries: uma série de elementos do real (os significantes) e uma série de elementos do imaginário (os significados), essas séries são heterogêneas e distintas entre si, de modo que não há qualquer paralelismo entre elas, nem relação necessária entre seus elementos; a associação entre significante e significado, portanto, é sempre arbitrária e singular, não sendo efeito de uma terceira dimensão, a dimensão do simbólico que não pertence à estrutura, mas é instalada pelo acontecimento (SALES, 2006; CRACEL, 2016). O acontecimento, por sua vez, não é o simples evento, mas o que é representado e expresso no evento, uma realidade que se desdobra em duas dimensões: corresponde tanto à sua “efetuação” espaço-temporal no presente da enunciação, quanto à “contraefetuação” que libera o evento permitindo sua apropriação em um

momento passado ou futuro. A estrutura divide e distingue, enquanto o acontecimento reúne e integra.

O jogo da estrutura se dá através de três processos: a designação, a manifestação e a significação. A “designação” ou indicação é a relação entre um enunciado (ou uma proposição) e um estado de coisas existentes, que opera uma associação entre palavras e imagens particulares que devem representar o estado de coisas; a “manifestação” é a relação entre um enunciado e o seu sujeito enunciativo, que se dá através de desejos e crenças; a “significação” ou demonstração é a relação das palavras com os conceitos universais ou gerais e dos mecanismos sintáticos com os efeitos de sentido (SALES, 2006; CRACEL, 2016). Para esse jogo ser posto em cena, contudo, faz-se necessário a emergência do acontecimento, que efetua a manifestação e, a partir dela a designação e a significação, mas, sobretudo, que instala um quarto processo: a “expressão”, que é a relação entre um enunciado e o que nele se exprime sobre um estado de coisas, operacionalizada principalmente pelos verbos. O que é expresso ou exprimível em um enunciado sobre um estado de coisas é o sentido, realidade sustentada por uma superfície física ou corporal e projetada sobre uma superfície metafísica ou mental que corresponde ao próprio acontecimento, como enfatiza Deleuze: “[...] não se perguntará qual o sentido de um acontecimento: o acontecimento é o próprio sentido. O acontecimento pertence essencialmente à linguagem, mantém uma relação essencial com a linguagem; mas a linguagem é o que se diz das coisas” (1974, p. 23).

Logo, o acontecimento estruturado da linguagem corresponde a um processo de distinção e associação:

A linguagem é tornada possível pelo que a distingue. O que separa os sons e os corpos, faz dos sons os elementos para uma linguagem. O que separa falar e comer torna a palavra possível, o que separa as proposições e as coisas torna as proposições possíveis. O que torna possível é a superfície e o que se passa na superfície: o acontecimento como expresso. O expresso torna possível a expressão. (DELEUZE, 1974, p. 191)

Atravessando essas distinções e associações, o silêncio participa taciturnamente da compreensão deleuziana da linguagem. *Taceo* é referido na terceira série, na qual o autor afirma que a “fala silenciosa” está relacionada ao mesmo jogo de estrutura da fala ruidosa, mobilizando os processos de manifestação, designação e significação, asserção que será desenvolvida na vigésima sétima série, quando, ao discorrer sobre a passagem do ruído para a linguagem, ele diz que a voz infantil na fase do balbúcio, tanto pode ser fala quanto silêncio, tendo em vista que em ambas as formas, ela “[...] designa o bom objeto como tal ou, ao contrário, os objetos introjetados; significa alguma coisa, a saber, todos os conceitos e classes que estruturam o domínio da preexistência; e

manifesta as variações emocionais da pessoa completa [...]” (DELEUZE, 1974, p. 199). Assim, “A voz não se opõe menos aos ruídos quando ela os faz calar do que quando geme ela própria sob sua agressão ou faz silêncio” (DELEUZE, 1974, p. 200). Embora tenha a estrutura de uma linguagem organizada, contudo, essa voz infantil só se tornará, de fato, linguagem quando for capaz de expressão através do acontecimento.

Posteriormente, no apêndice três, o autor afirma que o corpo é um silogismo disjuntivo que contrapõe de forma ambígua o não-sentido do silêncio e o sentido da linguagem, cujos valores morais oscilam de modo pendular entre a pureza e a impureza, em forma de dilema, isso porque “O corpo é linguagem. Mas ele pode ocultar a palavra que é, pode encobri-la. O corpo pode desejar e deseja geralmente o silêncio a respeito de suas obras” (DELEUZE, 1974, p. 298). No caso “linguagem pura – silêncio impuro”, a palavra recalcada torna-se um discurso sobre leis e virtudes que “[...] reúne a identidade de uma pessoa e a integridade de um corpo em um eu responsável, mas faz silêncio sobre todas as forças que dissolvem este eu”; já na situação “linguagem impura – silêncio puro”, a fala torna-se uma destas forças de dissolução, “[...] encarrega-se com todas estas forças e faz aceder o corpo desintegrado, o eu dissolvido, a um silêncio que é o da inocência” (DELEUZE, 1974, p. 300).

Sileo, por sua vez, é referido, na vigésima sétima série, quando o autor afirma que as relações de compatibilidade e incompatibilidade, conjunção e disjunção dos acontecimentos entre si se realizam em silêncio, enquanto fundo em relação ao qual se constitui como figura a linguagem. Ele também é convocado, na trigésima quarta série, como intrínseco ao próprio acontecimento, tendo em vista que a emergência do acontecimento se dá quando a voz, que pode ser ruidosa ou silenciosa, é associada ao verbo, que é sempre silencioso, porque se constitui como o liame entre o real e o imaginário, o estado de coisas e a cadeia de palavras:

[...] falar, no sentido completo da palavra, supõe o verbo e passa pelo verbo, que projeta a boca sobre a superfície metafísica e a preenche com os acontecimentos ideais desta superfície: o verbo é a “representação verbal” inteira e a mais alto poder afirmativo da disjunção (univocidade para o que diverge). Contudo, o verbo é silencioso; e é preciso levar ao pé da letra a ideia de que Eros é sonoro e a instinto de morte, silêncio. Mas é nele, no verbo, que se faz a organização secundária da qual decorre toda a ordenação da linguagem. (DELEUZE, 1974, p. 248)

Para Deleuze, contudo, o silêncio tem uma importância ainda mais radical: ele também é o não-acontecimento da linguagem, que provoca todos os seus acontecimentos; trata-se de uma dimensão de *sileo* que não apenas atravessa, mas perfura a linguagem: é Tântatos, a pulsão de morte, que abre uma “fissura silenciosa” através da dor e do sofrimento causados pela guerra, pelas crises

financeiras, pelo desgosto do envelhecimento, pela depressão, pela doença etc. Essa fenda motiva e mobiliza a linguagem como um grito de dor, conforme se pode ler na série vinte e dois:

[...] todos estes acidentes ruidosos já produziram os seus efeitos de imediato; e eles não seriam suficientes por si sós se não cavassem, se não aprofundassem algo de uma outra natureza [...]: a fissura silenciosa. [...] Havia uma fissura silenciosa, imperceptível, na superfície, único Acontecimento de superfície, como suspenso sobre si mesmo, planando sobre si, sobrevoando seu próprio campo. A verdadeira diferença não é entre o interior e o exterior. A fissura não é nem interior nem exterior, ela se acha na fronteira, insensível, incorporal, ideal. Assim, ela tem com o que acontece no exterior e no interior relações complexas de interferência e de cruzamento, junção saltitante, um passo para um, um passo para o outro, em dois ritmos diferentes: tudo o que acontece de ruidoso acontece na borda da fissura e não seria nada sem ela; inversamente, a fissura não prossegue em seu caminho silencioso, não muda de direção segundo linhas de menor resistência, não estende sua teia a não ser sob os golpes daquilo que acontece. Até o momento em que os dois, em que o ruído e o silêncio se esposam estreitamente, continuamente, no desmantelamento e na explosão do fim que significam agora que todo o jogo da fissura se encarnou na profundidade do corpo, ao mesmo tempo em que o trabalho do interior e do exterior lhe distendeu as bordas. (DELEUZE, 1974, p. 158)

O poder desse silêncio lacunar está não em sua expansão, mas em sua resistência, porque, se por um lado “A fissura não transmite senão a fissura”, por outro “[...] ela não reproduz o que transmite, não reproduz um ‘mesmo’: não reproduz nada, contentando-se em avançar em silêncio em seguir as linhas de menor resistência, sempre obliquando, prestes a mudar de direção, variando sua tela, perpetuamente herdada do Outro” (DELEUZE, 1974, p. 334). Essa dobra da fissura sobre si mesma produz uma continuidade que lhe permite trespassar as mais diversas dualidades que divisam a linguagem, estendendo-se sempre entre dois polos: “[...] um ligado à superfície metafísica, outro ligado à profundidade dos corpos; um ligado ao virtual, outro ligado ao atual; um ligado ao tempo designado *aion*, outro ligado a *chronos*” (LOPES, 2016, p. 1). Sempre silenciosa em si mesmo, ela transpõe a própria dualidade que a define, ao mesmo tempo, avançando sobre o real com sua força demolidora e retrocedendo para abrir espaço à ação reconstrutiva de Eros. Por isso, em suas bordas, ela tem um duplo aspecto: “Por um lado é silenciosa, sub-reptícia, sorrateira; faz seu trabalho na penumbra, tem a ver com a superfície e os incorporais. Por outro lado, a fissura é ruído, é o *crack*, tem a ver com o acidente, com o estado de coisas, com a profundidade dos corpos” (LOPES, 2016, p. 1).

O silêncio da fissura não apenas faz surgir o acontecimento, ele também é fundamento da estrutura da linguagem. O jogo de superfície constituído pela manifestação, pela designação e pela significação é sustentado por um jogo de profundidade entre os instintos ruidosos de Eros (a força

de construção) e os instintos silenciosos de Tântatos (a força de demolição). Essa fissura não é senão o furo do real no simbólico, a falha insanável do simbólico, como se lê no apêndice cinco:

Os instintos podem muito bem falar, fazer barulho, agitar-se, não podem é recobrir este silêncio mais profundo, nem esconder aquilo de que saem e no qual entram de novo: o instinto de morte que não é um instinto entre os outros, mas a fissura em pessoa, em torno da qual todos os instintos formigam. (DELEUZE, 1974, p. 334)

A “fissura silenciosa”, portanto, constitui-se em um processo contrassignificativo, porque enquanto a linguagem recobre *sileo* de sentidos, a fissura desnuda a linguagem fazendo aparecer o silêncio radical da existência: a mudez da morte, o contrassenso da dor. Ela corresponde à dimensão mais profunda da silentude, o caráter radicalmente discreto e mudo da existência, muitas vezes imperceptível e tido como desprezível, mas que possui uma força ativa, persistente e virulenta: um “não significar” que não se confunde com o “não significar ainda”, mas se configura como o “não significar jamais”, “não poder significar”, “não possuir significado”. Essa falha da linguagem é estruturante, porque, se por um lado, ela limita a significação, por outro lado, motiva-a e impulsiona-a, de modo que a linguagem se sustenta na função do furo do real, como propôs Lacan (2007).

3 Considerações Finais

O presente estudo, de caráter descritivo e explicativo, procurou identificar os empregos do termo e da noção de silêncio feitos por Deleuze na obra *Lógica do Sentido* (1974), classificá-los teoricamente – o que foi realizado a partir da proposta teórica de Barthes em *O neutro* (2003) – e explicá-los analiticamente – para a construção do dispositivo analítico foram escolhidas as perspectivas de Pêcheux (1997), Orlandi (2007) e Lacan (2008). Na esteira da AD, a proposta levada a cabo não foi de uma interpretação hermenêutica do texto deleuziano, mas uma compreensão discursiva do seu modo de funcionamento, o que permitiu uma organização tipológica das formas e da dinâmica do silêncio em Deleuze.

Por ser uma análise propedêutica da problemática, foi necessário adotar um corte epistemológico bastante restritivo, de modo que questões importantes foram deixadas de lado, como a delimitação da borda da linguagem, a articulação simbólico-real, a dinâmica sentidural de *taceo* etc. São problemas que devem ser retomados de modo mais sistemático a partir da explicitação aqui operacionalizada da articulação entre silentude, de um lado, e significação (silenciamento + verbalidade), de outro, que é ancorada na atuação permanente da fissura silenciosa. A noção de

fissura estruturante é, sem dúvida, a grande contribuição de Deleuze para uma compreensão linguístico-filosófica mais densa acerca do silêncio.

4 Referências Bibliográficas

BARTHES, Roland. *O neutro*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

CARREIRA, Alessandra Fernandes. O silêncio na psicanálise. *Com Ciência*, São Paulo, n. 151, 10 set. 2013.

CRACEL, Maria Luiza Lima Pascale. *Para uma filosofia do acontecimento*. 2016. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Departamento de Filosofia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

DELEUZE, Gilles. *Lógica do sentido*. São Paulo: Perspectiva; Ed. da USP, 1974.

GOTTE, J. Quincy. The Importance of the Entered Apprentice Degree in Understanding Our World as Master Masons. *Louisiana Scottish Rite Trestleboard*, Benton (Louisiana, Estados Unidos), v. 7, n. 4, p. 1-4, aug./sept. 2015.

LACAN, Jacques. *Seminário XII: Problemas cruciais para a psicanálise (1964-1965)*. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife, 2006.

_____. *Seminário XIII: O sintoma (1975-1976)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

_____. *Seminário XIV: A lógica do fantasma (1966-1967)*. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife, 2008.

LOPES, Daniel. *Ferida, fissura e escrita*. [s.n.t.]. Disponível em: <<http://pianistaboxeador21.blogspot.com.br/2016/12/ferida-fissura-e-escrita.html>>. Acesso em: 15 fev. 2017.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 6. ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 2007.

PÊCHEUX, Michel. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. 6. ed. Campinas: Pontes, 2012.

_____; FUCHS, Catherine. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas (1975). In: GADET, Françoise; HAK, Tony (orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1997. p. 163-252.

SALES, Alessandro Carvalho. Deleuze e a lógica do sentido: o problema da estrutura. *Trans/Form/Ação*, Marília (SP), v. 29, n. 2, p. 219-239, 2006.